



- LÍNGUA

ÍTEMS LEXICAIS TABUS: “USÁ-LOS OU NÃO. EIS A QUESTÃO”

Vivian Orsi*
Claudia Zavaglia**

Resumo: A língua em uso numa sociedade é produto de uma cultura e reflete o pensamento de um povo. Desse modo, as unidades léxicas, por meio dos significados atribuídos por um grupo social, determinam um olhar singular do universo. Intencionamos demonstrar que para a nomeação dos órgãos sexuais do corpo humano procura-se evitar a terminologia oficial, selecionada para contextos de grande formalidade, e empregar outras unidades léxicas em situações de maior informalidade. Almejamos, com esta pesquisa, desmistificar alguns preconceitos relacionados ao léxico erótico-obscoeno, seu uso e sua criação, além de estimular reflexões sobre esse tema, em português e italiano.

Palavras-chave: léxico erótico-obscoeno; metáfora; sociocultura.

INTRODUÇÃO

■ **A**s línguas humanas são mais do que simples instrumentos de comunicação; são capazes de espelhar a cultura de uma sociedade, transformando-se, por fim, em mecanismos de identidade. Por isso, podemos definir cultura como uma lente translúcida por meio da qual o homem enxerga o mundo a sua volta.

Consequentemente, um povo se individualiza, se afirma e é identificado em função de sua própria língua, que se firma, então, um fenômeno social: pode ser considerada produto de uma cultura e também uma parte dessa cultura (SCHERRE, 2005, p. 10).

* Professora Assistente Doutora do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (IBILCE-Unesp – campus São José do Rio Preto). E-mail: vivian@ibilce.unesp.br.

** Professora Livre-docente do IBILCE-Unesp – campus São José do Rio Preto.

Atesta-se que é por meio da língua que o indivíduo adquire a cultura de sua comunidade e, com ela, consegue instruir-se, educar-se e lisonjear. No âmbito deste nosso artigo, podemos acrescentar que a língua é usada para insultar e para expressar atitudes, concepções sexuais e valores morais de determinada sociedade.

A língua é, segundo Coseriu (1977), um fenômeno social, pois é produzida em sociedade e é determinada socialmente; ademais, conforme acenamos aqui, é um importante símbolo da identidade de um grupo, e no comportamento linguístico dessa comunidade se reflete a busca de aprovação social ou a acentuação de diferenças.

VISÃO SOCIOCULTURAL DO LÉXICO PROIBIDO

Com base no que precedentemente expusemos, nesta seção entraremos em contato com elementos socioculturais relacionados às línguas. Para tanto, miramos ater-nos a alguns conceitos da Sociolinguística: um campo das ciências da linguagem que se dedica às dimensões sociais e do comportamento das línguas, ou seja, os fenômenos linguísticos que têm relevância ou significado social.

A Sociolinguística atua entre os limites da língua e da sociedade, ressaltando os empregos e usos concretos da língua. Em síntese – e para os limites deste trabalho –, enfoca a compreensão dos fenômenos linguísticos vistos sob a ótica da dimensão social.

Dessa maneira, nas mensagens transmitidas, a língua desempenha um papel preponderante por ser por meio dela que o contato com o mundo é atualizado, funcionando como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que se insere. Nesse sentido:

A língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, mas ao mesmo tempo, em virtude de um poder distinto, ela configura a sociedade instaurando aquilo que se poderia chamar o semantismo social. [...] O vocabulário fornece aqui uma matéria muito abundante, de que se servem historiadores da sociedade e da cultura (LEITE, 2003, p. 28).

Na língua, o léxico é o elemento que detém a capacidade maior de manifestar as relações de ordem política, social e econômica existentes entre as diversas classes sociais. Ele é o conjunto das unidades por meio das quais os membros de uma sociedade se comunicam entre si. O léxico se manifesta como um reflexo da vida de um povo, algo resultante de sua história, de seus contatos e contém, em resumo, a cristalização material e espiritual de sua vida (ORTÍZ ALVAREZ, 2004).

Lembramos que a língua projeta sobre o mundo uma sombra, à qual se atribui o nome de visão de mundo. Em virtude disso, pode-se aferir que cada língua representa uma cultura e, portanto, maneiras particulares de entrever um domínio ou o universo.

Com efeito:

[...] o estudo das relações e das estruturas do léxico é um domínio privilegiado para descobrir as interações entre o sistema formal da língua e a atividade humana que a torna possível, a linguagem. Essa atividade é exercida dentro do

tempo, do espaço e da sociedade pelo fenômeno geral que é a comunicação (REY, 1970, p. 149, tradução nossa).

Isso se mostra evidente também com o léxico tabu, em especial aquele relativo aos nomes atribuídos aos órgãos das zonas erógenas e sexuais (pênis, vulva, nádegas, seios, testículos e ânus), denominado de *léxico proibido*, tanto na língua portuguesa do Brasil quanto na italiana.

A partir de Maior (1980), Almeida (1981), Preti (1984), Mattoso (1990), Vários (1990), Scerbo (1991), Bonistalli (2000), Zanni (2000), Xatara e Oliveira (2002), Bueno (2004), Vários (2005), Tartamella (2006) e de inúmeros *blogs* e *sites* da Internet recolhemos 8.713 itens lexicais tabu, sendo 770 relativos ao órgão masculino em língua portuguesa e 645 em língua italiana. Para a genitália feminina detectamos 5.255 unidades lexicais em português e 656 em italiano². O número referente aos testículos foi de 59 em português e 176 em italiano. Para os seios, em língua portuguesa coletamos 47 e em língua italiana, 165. Já para o ânus temos 233 em português e 145 em italiano; finalizando com 114 e 449, em língua portuguesa e italiana respectivamente, para as nádegas.

Cabe-nos, antes de prosseguir, assinalar que entendemos erótico, cujo nome é proveniente do grego, *erotikós*, como aquilo que se refere ao amor sensual, em que, contrariamente a uma sexualidade fria e muitas vezes agressiva, apontada pela pornografia, prevalece a ênfase ao sexo e aos desejos sexuais de forma mais sutil. Já por obsceno compreendemos algo indecente, desagradável e ofensivo ao pudor. Por sua vez, tabu é tudo aquilo “que não pode ser usado, feito ou pronunciado, por crença, respeito ou pudor – os palavrões são palavras tabu” (MARI-NHO, 2009, em tabu). As unidades lexicais de que tratamos se referem ora ao erótico, ora ao obsceno porque fazem menção ao sexo e podem, em certos contextos, ultrapassar o limite da considerada boa decência e da moralidade, podendo ser empregadas de maneira injuriosa, despudorada ou grosseira. Ademais, essas mesmas unidades podem também ser classificadas como palavrões e, conseqüentemente, como tabus, justamente por espelharem um emprego insultuoso ou obsceno. Segundo Bona (2008, p. 21, tradução nossa), “podemos, então, definir como palavrão um termo que não é aceito pelas convenções sociais, cuja utilização em público é socialmente sancionável”³.

Desta feita, no âmbito dos estudos sociolinguísticos, o léxico erótico-obsceno relativo aos nomes atribuídos aos órgãos sexuais é concebido como uma variante vulgar. Sucintamente, podemos dizer que as variações linguísticas estão divididas entre a norma culta e a norma popular – culta é aquela de maior prestígio social, isto é, a que se impõe como marca dos falantes com maior grau de escolaridade, e a popular e vulgar, seu inverso; a primeira, aquela imposta pelas gramáticas, a segunda, pelo uso. Embora tal afirmação seja de grande valia e ainda muito pertinente, o prestígio das variantes linguísticas depende também do contexto em que são empregadas.

De fato, homens e mulheres usam esse tipo de língua especial de carga se-

1 No original: “l'étude des relations et des structures du lexique est un domaine privilégié pour découvrir les interactions entre le système formel de la langue et l'activité humaine qui la rend possible, le langage. Cette activité s'exerce dans le temps, l'espace et la société, par le phénomène général qu'est la communication” (REY, 1970, p. 149).

2 Salientamos que a grande diferença entre o número de ocorrências relativo à nomeação da vulva, em língua portuguesa e italiana, pode ser justificado, preponderantemente, pela dificuldade em se encontrar bibliografia italiana que trouxesse os nomes metafóricos dados a esse órgão, apesar de nossa busca intensa em bibliotecas, livrarias e bancas de jornal na Itália.

3 No original: “Possiamo allora definire come parolaccia un termine che non sia accettato dalle convenienze sociali, il cui utilizzo in pubblico sia socialmente sanzionabile” (BONA, 2008, p. 21).

mântica erótico-obscura para denominar os órgãos sexuais e seu emprego, embora possa parecer normal para a maioria dos falantes, é considerado ainda interdito por se situar no campo dos tabus linguísticos morais e de baixo prestígio social, podendo exprimir falta de cortesia, de decoro e desrespeito.

Prete (1984, p. 61) ainda diz:

A vida das palavras torna-se um reflexo da vida social e, em nome de uma ética vigente, proibem-se ou liberam-se palavras, processam-se julgamentos de 'bons' ou 'maus' termos, apropriados ou inadequados aos mais variados contextos.

Dessa forma, podemos dizer que os tabus linguísticos aparecem como decorrência dos tabus sociais.

Usar itens lexicais erótico-obsenos ou palavrões para assuntos ou práticas ligadas à sexualidade tende a desordenar e incomodar o que é socialmente desejável, dado que ameaçam as normas estabelecidas por uma ordem cultural e, para muitas pessoas, dela precisariam ser excluídos.

Todavia, a desmistificação do sexo, ainda que parcial e lenta, tem se refletido num emprego mais frequente do referido léxico, em que itens lexicais de baixo prestígio são absorvidos ao discurso culto e prestigiado, via oral ou escrita pelos meios de comunicação de massa. Tal fato prenuncia que esse repertório lexical está cada dia mais presente nos recursos afetivos da língua.

Os palavrões dispõem hoje de um trânsito relativamente normal e com aceitabilidade social em diálogos do cinema, em filmes e conversas informais. Muitos dos itens lexicais tabu não são aceitos em todos os contextos, mas entre amigos, familiares e em relacionamentos amorosos, encontra-se um emprego que assinala intimidade. Ou melhor, se há relação de proximidade, adotá-los pode ser admissível e não se padece de restrições morais. Além disso, quando em ambientes íntimos, segundo Tartamella (2006), não há referência, na verdade, a um conteúdo ofensivo de insulto, a unidade lexical tabuizada é simplesmente um registro que marca liberdade, além de ser um meio eficaz de despertar a atenção do receptor. Exemplo disso é a infinidade de expressões em língua italiana com o item *cazzo*, que indica a genitália masculina, de modo informal, ou seja, “caralho”, que pode ser empregado também com o sentido de “nada”, como em *Non ho capito un cazzo* (Não entendi nada) ou designando maravilha, como em *Cazzo, che caldo!* (Puxa vida, que calor!) (ZAVAGLIA, 2010, p. 113).

Deve-se atentar não somente para o contexto histórico-social, que percorre a vida das palavras, mas igualmente à expectativa do falante em relação ao que diz, assim como à do ouvinte. Com efeito,

[...] vemos, então, que, em certas situações de comunicação, vocábulos cultos (ou seja, pertencentes à variante de maior prestígio social) revelam-se de baixo prestígio, são confundidos até com injúrias; enquanto em outras situações, palavras de fundo injurioso são consideradas absolutamente necessárias para a interação e, portanto, revelam-se de maior prestígio na prática social (PRETE, 2003, p. 66, grifo do autor).

Nesse sentido, podemos pensar que há uma gradação obscena em alguns itens léxicos, sendo uns mais fortes do que outros, em especial aqueles que possuem o mesmo referente, podendo ser mais ou menos chulos e ofensivos. Verificamos certo grau de erotismo e de obscenidade nas unidades usadas como si-

nônimos para referenciar as zonas erógenas. Se tomarmos o órgão sexual masculino como exemplo, teríamos “pênis” como a unidade mais neutra e oficial, que poderia ser adotada em qualquer contexto e com qualquer interlocutor. “Pintinho”, por outro lado, seria o item mais eufêmico, usado em situações que exigiriam maior pudor e recato linguístico. No entanto, “pau” poderia ser classificado como o mais erótico-obsceno e cuja adoção padeceria de tabu e escrúpulos. O mesmo se percebe com: “pombinha”, “vulva” e “buceta”, que de forma branda e eufemística ajusta-se à nomeação da genitália feminina e “rosquinha”, “ânus” e “cu” para designar o ânus.

Acerca do afrouxamento das questões morais tem-se que “as diversas aberturas do comportamento social, sobretudo o relaxamento de normas de conduta moral, favorecem a expansão dos chulismos”, como atesta Borba (2003, p. 138).

O item lexical de carga semântica tabuizada também pode ser associado a uma afronta, desacato ou ultraje. Asseveramos que o grau de ofensa expresso pelo insulto depende da intimidade das pessoas implicadas e das circunstâncias em que se dá o discurso. A utilização de itens obscenos depende do grau de emotividade que se quer comunicar, conforme vimos anteriormente. Conforme atesta Orsi (2009, p. 40), “para muitos, alguns itens desse léxico perderam a carga semântica insultante que possuíam; constata-se que ainda há preconceito em relação ao emprego do palavrão, contudo, a cada dia em menor escala”.

Os falantes, então, abandonam certo tipo de uso lexical e escolhem outro não pelo fato de o primeiro soar falso e o segundo, verdadeiro, mas pelo motivo de um parecer inadequado e outro mais conveniente, dependendo de sua valoração, que é moldada socialmente. É o que podemos confirmar por meio dos inúmeros sinônimos capturados em nossa pesquisa para itens lexicais tabus: alguns são adequados para certas pessoas e situações, porém, outros são ora aceitos publicamente, ora evitados.

Evidencia-se que várias das lexias referentes à nomeação dos órgãos que compõem as zonas erógenas dependem exclusivamente da pressuposição erótico-obscena indicada pela metáfora utilizada em sua composição ou criação para serem compreendidas. Conforme elucidam Orsi e Zavaglia (2009, p. 5),

[...] para a denominação dos órgãos sexuais do corpo humano tende-se a evitar a terminologia anatômica oficial – relegada a contextos de grande formalidade – e adotar outros itens lexicais em ambientes e situações informais, que possam denominar as partes do corpo com conotação sexual.

METÁFORAS DA LINGUAGEM PROIBIDA

Para legitimar nossa investigação, analisamos itens proibidos a partir do *corpus* levantado e adotamos como basilar a teoria da metáfora conceptual, também denominada conceitual, experiencialista ou cognitivista, formulada por Lakoff e Johnson nos anos 1980, visto que a maior parte dos itens recolhidos tem base metafórica e eufemística.

Em síntese, a teoria da metáfora conceptual postula que vivemos constantemente sob influência das metáforas presentes em nossa cultura. Para se fazer pertencer à sociedade e compreender o mundo que nos cerca, é preciso ceder às metáforas que o ambiente em que vivemos nos coloca à disposição.

Podemos resumir que uma metáfora é conceptual quando conceitualiza um

domínio de experiência em termos de outro, geralmente de forma inconsciente. Ela é uma representação mental e cognitiva porque existe na mente e atua no pensamento. Assim:

O cognitivismo não analisa somente as metáforas originais, únicas, poéticas, individuais, como sempre o fez a retórica clássica, que buscava na poesia, como expressão mais elaborada da linguagem, as metáforas e outras figuras retóricas. O cognitivismo analisa sobretudo as metáforas na linguagem cotidiana, e essa é sua principal contribuição à re-elaboração da metáfora⁴ (DÍAZ, 2006, p. 41, tradução nossa).

Assim, em concordância com a teoria conceptual, as atividades experienciadas por um falante se convertem em metáforas, permitindo-lhe dar forma e organizar práticas humanas. Nas palavras dos fundadores da teoria:

Sustentamos que, ao contrário, os processos do pensamento humano são em grande parte metafóricos. Isto é o que queremos dizer quando afirmamos que o sistema conceptual humano está estruturado e se define de maneira metafórica. As metáforas como expressões linguísticas são possíveis, precisamente, porque são metáforas no sistema conceptual de uma pessoa⁵ (LAKOFF; JOHNSON, 2004, p. 42, tradução nossa).

As metáforas conceptuais, consonante com o disposto acima, são culturais. Elas refletem, portanto, a ideologia e o modo de ver o mundo de um grupo de pessoas; baseiam-se em nossa constante interação com o ambiente físico e cultural em que nos inserimos. Para acessá-las, normalmente, não se exige esforço, pois elas acionam a metáfora conceptual correspondente em nossa mente. Assim se verifica quando empregamos uma metáfora relativa ao universo erótico-obsceno, em nosso caso, referente aos itens léxicos usados como substitutos dos nomes oficiais tais como vulva, pênis, nádegas, ânus, testículos e seios. Lakoff e Johnson (2004) afirmam que, de fato, há inúmeros itens que não se podem dizer a não ser por meio de metáforas – é o que ocorre, de fato, com os nomes dos órgãos aos quais nos dedicamos nesta pesquisa. Muitas das unidades léxicas de nosso *corpus* não são obscenas: passam a ser assim consideradas quando veiculam uma carga semântica ofensiva, uma emoção incontrolável ou um valor que deve ser abordado com cuidado, tais como, por exemplo, “gruta” e “buquê”, em referência ao órgão sexual feminino. Para compreendê-las, basta haver a pressuposição erótica, em outras palavras, o significado implícito de um item precisa ser conhecido e compartilhado entre os interlocutores e deve estar inserido em um contexto erótico-obsceno – o qual desempenha um papel importantíssimo para a definição das metáforas. Lakoff e Johnson (2004) atestam que o contexto tem importância fundamental na determinação do significado de uma unidade léxica.

A dimensão ideológica da metáfora, sua relação com os valores e as crenças

4 No original: “El cognitivismo no analiza sólo las metáforas originales, únicas, poéticas, individuales, como hizo siempre la retórica clásica, que buscaba en la poesía, como expresión más elaborada del lenguaje, las metáforas y las otras figuras retóricas. El cognitivismo analiza sobre todo las metáforas en el lenguaje cotidiano, y ése es su principal aporte para la reelaboración teórica de la metáfora” (DÍAZ, 2006, p. 41).

5 No original: “Sostenemos que, por el contrario, los procesos del pensamiento humano son en gran medida metafóricos. Esto es lo que queremos decir cuando afirmamos que el sistema conceptual humano está estructurado y se define de una manera metafórica. Las metáforas como expresiones lingüísticas son posibles, precisamente, porque son metáforas en el sistema conceptual de una persona” (LAKOFF; JOHNSON, 2004, p. 42).

dos grupos sociais são elaboradas histórica e culturalmente. Algumas metáforas são potencialmente universais e há outras que sofrem variações entre culturas ou mesmo em seu próprio território. Para Lakoff e Johnson (2004), o significado que uma metáfora tem para o falante está determinado culturalmente e está parcialmente vinculado a experiências passadas. Por isso, entre culturas, as diferenças podem ser desmedidas, visto que os conceitos presentes em cada metáfora podem ter variações interculturais.

Salientamos que durante todo o percurso humano dentro da história, o sexo sempre foi um grande tabu para o homem, salvo no período clássico, quando era tratado com menos pudor. Desde então, quando se tornou uma interdição abor-dá-lo, e tudo o que se referisse a ele, recorre-se a formas indiretas para tratá-lo.

Nesse contexto, a genitália masculina e feminina, as nádegas, o ânus, os testículos e os seios são campos férteis para a invenção, para a construção do novo, conforme vimos exemplificado neste artigo. Por vezes, surgem itens curiosos, engraçados, provenientes da imaginação humana e criados a partir de metáforas, que tentam reduzir seu impacto ou esconder o sentido do nome real por soar rude, grosseiro ou imoral. Evidencia-se que várias das lexias referentes à nomeação dos órgãos dependem, em muitos casos, exclusivamente da pressuposição erótico-obscena indicada pela metáfora – comentada acima – para serem compreendidas. É o que se nota no item “linguiça”, o qual, descontextualizado e desprovido de qualquer conjetura sexual, pode indicar apenas o alimento feito de carne e embutido em tripa de animal ou, por outra senda, referir-se ao órgão sexual masculino. Por conta disso emprega-se, por exemplo, para o órgão sexual feminino “margarida”, “flor” e para o aparelho genital masculino, por exemplo, “piu-piu”, “passarinho” etc. Ou ainda, lança-se a esse uso para expressar, qualificar ou ressaltar características, como o tamanho dos seios: “melancias”; ou “fúrico”, para indicar o formato do ânus. Assim, sem notar, criam-se novos nomes para se desviar dos tabus e preconceitos sociais.

As metáforas sofrem, então, influência da inventividade humana e podem se alterar no decorrer dos anos. Como exemplos, oferecemos a metáfora “bagdá”, fazendo referência ao órgão sexual feminino. Tal analogia envolve as constantes guerras dos anos 90 nessa região do Oriente Médio, indicando que constantemente se recebe um míssil naquela área. Assim seria o genital feminino em relações sexuais constantes, em que o míssil faz menção ao órgão masculino. Essa situação histórica inexistia há décadas, logo, não havia a associação do órgão à cidade. Além desse, outro exemplo nos revela também sua inexistência no passado: “kojac” – que na língua italiana e na língua portuguesa vincula-se ao órgão sexual masculino. “Kojac” era nome de um personagem do homônimo seriado norte-americano, produzido no final dos anos 1970, de muito sucesso no mundo todo, tanto no Brasil quanto na Itália. Em função de o ator ser calvo e também por ser desprovido de pelos, o nome de seu personagem foi associado, em ambas as línguas, ao pênis. É notório, então, que esses itens lexicais não se encontram estagnados em seu habitat linguístico e tampouco se mantêm imutáveis por todo o sempre, haja vista que o ser humano, seus valores e seus costumes se modificam continuamente.

Alguns dos itens aduzidos acima, não se restringem à metáfora, antes, se incluem nos eufemismos, quer dizer, o ato de suavizar a expressão de uma ideia, substituindo um item lexical por outro mais agradável, suave e polido para os padrões sociais em que se insere o discurso. É um tipo de recurso linguístico que

atenua uma afirmação para não chocar o ouvinte ou o leitor. A eufemia tenta mascarar o tom eufórico (positivo) de se comunicar algo disfórico (negativo), buscando maior neutralidade. De fato, o eufemismo ocorre quando se tenta dissimular o nome técnico da genitália feminina e adota-se “pombinha”, que de forma branda e amenizada ajusta-se à nomeação da mesma. Assim como em *cuscini* (almofadas ou travesseiros) para fazer menção aos seios e *fave* (favas) para os testículos, em italiano, ou ainda “rosquinha” para o ânus, em português.

A substituição de certa unidade tabu por outra eufemística supõe uma crença no poder da unidade léxica, demonstrando que, ao se anular o sentido, se altera a realidade a que esse sentido remete. Com base nisso, ocorrem certamente os tabus, já que o pronunciar de certo nome provoca o medo de recuperá-lo; como se houvesse uma relação mística entre o item léxico e o que ele designa (ORTÍZ ALVAREZ, 2007). Assim, deduz-se que, nos estudos semânticos, a significação é um processo psíquico. Em suma, a língua “é um sistema de signos que nos serve para a comunicação das idéias, evocando no espírito de outrem as imagens conceituais das coisas que se formam em nosso próprio espírito. A palavra não transmite a coisa, mas a imagem da coisa” (GUIRAUD, 1975, p. 32). É por esse motivo que surgem os tabus linguísticos: os usuários de uma língua acreditam que ao pronunciar uma determinada palavra evocam, além da imagem, a própria coisa. Para Guiraud (1975, p. 65), as palavras exprimem não apenas “nossas emoções, mas também obsessões difusas, indeterminadas, ou, mais freqüentemente, inconscientes, ou mesmo recalçadas por proibições individuais ou sociais”.

Falar abertamente em pênis, vulva, nádegas, ânus, testículos e seios pode despertar vergonha e ansiedade ao evocar a própria função sexual em que estão envolvidos, considerada por muitos como socialmente imoral, segundo Orsi (2009). Desse modo, os mencionados órgãos recebem as mais variadas denominações em função do que representam, simbolizam e do que podem despertar em cada ouvinte.

Percebe-se que há preocupação dos falantes em adequar o emprego do léxico para o interlocutor de seu discurso. Ainda que sejam usadas unidades léxicas de prestígio menos valorizado, dá-se preferência àquela que pode soar menos ofensiva ou que possa ter maior carga erótico-obscena dependendo do destinatário daquele discurso. De fato, é o que se averigua na predileção de “xana” e “pau” ou de “pombinha” e “pintinho”, em que, dependendo do receptor do discurso e da situação em que este se insere, adota-se um em detrimento do outro.

Muitas das lexias comentadas neste artigo não são aceitas em todos os contextos, mas entre conhecidos, conforme comentado, encontra-se um emprego recorrente. Em adendo, “esses itens são usados em relações de casais como forma de intimidade, como linguagem secreta e para marcar a singularidade da relação com itens inéditos” (TARTAMELLA, 2006, p. 275)⁶. Por essa razão, usam-se inúmeros sinônimos que servem para abrandar uma determinada unidade lexical, na tentativa de ocultar preconceitos sociais. Enfatizamos que o valor semântico dos itens léxicos não é estático: certas evoluções históricas, regionais, sociais, políticas e culturais podem influenciar a sua mudança ou acrescentar uma pluralidade de outros significados.

6 No original: “Questi termini sono usati nelle relazioni di coppia come forma di intimità, come linguaggio segreto e per marcare l’unicità della relazione con termini inediti” (TARTAMELLA, 2006, p. 275).

O exame das metáforas e dos eufemismos que atuam sobre esses itens nos permite confirmar a riqueza linguística das línguas, demonstrando qual o seu posicionamento diante dessa língua tabuízada, tão corriqueira, porém tão desprestigiada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, podemos inferir que a origem de itens sinônimos em línguas naturais pode indicar, por consequência, a valorização de uma unidade por uma comunidade ou o receio que se tem em pronunciá-la numa sociedade reprimida – caso se encontram vários nomes, significa que falar o oficial ou terminologicamente correto causa mal-estar.

Em síntese, uma língua revela as escolhas de uma cultura. Desse modo, a proliferação de itens lexicais eufemísticos atribuídos aos órgãos tratados nesta pesquisa indica que uma entidade é valorizada por uma comunidade, mas igualmente o medo que o emprego desses itens provoca em uma sociedade reprimida.

Saber falar e escrever uma língua implica no conhecimento de seu léxico e de sua gramática, mas igualmente saber escolher e usar dentre as variedades disponíveis a mais adequada a uma situação particular. Todo ser humano tem de falar de acordo com tais regras, isto é, tem de “saber”: quando pode falar e quando não pode, que tipo de conteúdos lhe são consentidos e que tipo de variedade linguística é oportuno que seja usada em cada conjuntura ou circunstância.

Enfim, conhecer e dominar uma língua, do ponto de vista sociolinguístico, significa não só ter a capacidade de produzir frases gramaticalmente bem formadas, mas também ter condições de usá-las de maneira apropriada às situações; e é claro que usar adequadamente uma língua pode vir a ser uma habilidade deveras complexa, que poderá requer a ativação de muitos e obscuros complementos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, H. *Dicionário de termos eróticos e afins*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- BONA, A. *Il turpiloquio nel serial: approccio alla traduzione*. 2008. 54 f. Tese (Doutorado em Mediazione Linguistica e Culturale)–Università degli Studi di Milano, Milano, 2008. Disponível em: <http://www.focus.it/Community/cs/blogs/vito_dixit/default.aspx>. Acesso em: 9 fev. 2009.
- BONISTALLI, R. *Classiche posizioni dell'amore*. Per coppie novizie, riciclate o svogliate. Colognola ai Colli: Demetra, 2000.
- BORBA, F. S. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- BUENO, A. *Antologia pornográfica: de Gregório de Mattos a Glauco Mattoso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- COSERIU, E. *El hombre y su lenguaje*. Estudios de teoría y metodología lingüística. Madrid: Editorial Gredos, 1977.
- DÍAZ, H. La perspectiva cognitivista. In: DI STEFANO, M. (Org.). *Metáforas en uso*. Buenos Aires: Biblos, 2006. p. 41-62.

- GUIRAUD, P. *A semântica*. Tradução Maria Elisa Mascarenhas. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 1975.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas de la vida cotidiana*. Madrid: Cátedra, 2004.
- LEITE, M. Q. Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social no léxico. In: PRETI, D. (Org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003. p. 17-45.
- MAIOR, M. S. *Dicionário de palavrão e termos afins*. 2. ed. Recife: Guararapes, 1980.
- MARINHO, J. C. P. (Chefe de equipe). *Houaiss Eletrônico*. Versão monousuário 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MATTOSO, G. *Dicionário do palavrão e correlatos*. Inglês-português/português-inglês. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- ORSI, V. *Metáforas do universo lexical português e italiano das zonas erógenas: ânus, nádegas, pênis, seios, testículos e vulva*. 2009. 226 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos)–Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2009.
- ORSI, V.; ZAVAGLIA, C. *Passarinho, passarinha, passarão: dicionário de eufemismos das zonas erógenas*. São José do Rio Preto: THS Editora, 2009.
- ORTÍZ ALVAREZ, M. L. O léxico como expressão de identidade cultural. *Anais do 52 GEL*. Campinas: Mercado de Letras/IEL, 2004. p. 246.
- ORTÍZ ALVAREZ, M. L. Tabus linguísticos e expressões cristalizadas. *Acta Semi-ótica et Linguística*, São Paulo, v. 12, p. 115-125, 2007.
- PRETI, D. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: Queiróz, 1984.
- PRETI, D. (Org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003.
- REY, A. *La lexicologie*. Paris: Klincksieck, 1970.
- SCERBO, E. *Il nome della cosa*. Nomi e nomignoli degli organi sessuali. Milano: Mondadori, 1991.
- SCHERRE, M. M. P. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.
- TARTAMELLA, V. *Parolacce*. Perché le diciamo, che cosa significano, quali effetti hanno. Milano: BUR, 2006.
- VÁRIOS. *2500 palavrões*. São Paulo: Flash, 1990.
- VÁRIOS. *Svergognate*. Roma: Edizioni Ariete, 2005.
- XATARA, C. M.; OLIVEIRA, W. L. *Dicionário de provérbios, idiomatismos e palavras: francês-português/português-francês*. São Paulo: Cultura, 2002.
- ZANNI, M. *Ditelo con gli insulti (e non accontentatevi di un semplice vaffanculo)*. Dizionario completo degli insulti italiano-inglese. Milano: Baldini & Castoldi, 2000.
- ZAVAGLIA, C. *Xeretando a linguagem em italiano*. Barueri: Disal, 2010.

ORSI, V.; ZAVAGLIA, C. Prohibited lexical items: “use them or not use them. That is the question”. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 156-166, 2012.

Abstract: The language in use in a society is product of a culture and reflects the way a community thinks. Therefore, the lexical units, through the meanings assigned by a social group, establish a specific look of the universe. We intend to demonstrate that for the denomination of the sexual organs of the human body it usual to avoid the official anatomical terminology – relegated to contexts of great formality – and to adopt other lexical items during informal situations. We intend, with this research, to demystify some prejudices related to the erotic-obscene lexicon, its use and its creation, besides stimulating reflections, in Portuguese and Italian.

Keywords: *erotic-obscene lexicon; metaphor; socio-culture.*

Recebido em junho de 2010.

Aprovado em março de 2012.